

**UNIFMU-CENTRO UNIVERSITÁRIO
FACULDADE DE EDUCAÇÃO FÍSICA
CENTRO DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA**

**DANÇA DO VENTRE: O REENCONTRO COM O SAGRADO
FEMININO**

AUTORA: ERIKA VALESCA MANO

**SÃO PAULO
2010**

ERIKA VALESCA MANO

**DANÇA DO VENTRE: O REENCONTRO COM O SAGRADO
FEMININO**

Monografia apresentada ao Centro de Pós-graduação e pesquisa da UNIFMU-CENTRO UNIVERSITÁRIO, como requisito parcial para obtenção do Título de Especialista em Dança e Consciência Corporal, sob orientação da Prof^a. Ms. Maria Cristina Mutarelli.

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho a todas as minhas alunas: mulheres, mães, meninas, que estão todos os dias comigo na batalha pela descoberta da maravilha que é ser mulher e juntas fazemos da dança uma ponte para nossa libertação pessoal.

“Dançar é deixar a mente livre, flutuar, viajar em seu íntimo mais profundo, o de ser mulher, mulher livre, mulher que se aceita independente da aceitação alheia, aceita-se por ser mulher, sim mulher, criatura feminina e geradora de vidas, a força que brota do seu ventre, a força divina de ser simplesmente mulher!”

Erika Valesca Mano

AGRADECIMENTOS

Agradeço a todas as pessoas (é simplesmente impossível nomear todas) que acreditam, admiram e respeitam meu trabalho, que de alguma forma me motivam e me estimulam a continuar neste caminho tão árduo e fascinante que é a DANÇA.

Às novas irmãs de alma unidas pela paixão à dança que conquistei neste curso, pela união e companheirismo.

Às minhas avós Maria Luzina e Yolanda por remeterem a minha ancestralidade e deixarem em mim a herança viva das artes manuais que me beneficiou muito ao confeccionar meus figurinos.

Aos meus pais Leila e Reinaldo por me proporcionarem a arte da vida.

À minha irmã Camila pela infância dançante que passamos juntas.

Aos meus filhos Adrik, Aurek e Alek por terem me dado a oportunidade de ser mãe, completando-me como mulher, por mergulharem junto comigo neste trabalho e suportarem a minha ausência e impaciência.

Ao meu antes companheiro e agora amigo Yuri, pela sua admiração ao meu trabalho.

À minha eterna companheira, minha filha canina Djali, que esteve ao meu lado em cada linha aqui escrita.

À Prof^a. Ms. Maria Cristina Mutarelli, e a todos os professores do curso de Pós-graduação em Dança e Consciência Corporal FMU pelo carinho, atenção e paciência.

RESUMO

Esta pesquisa de revisão bibliográfica foi desenvolvida com o objetivo de identificar qual a relação estabelecida entre a Dança do Ventre e o Sagrado Feminino. A Dança do Ventre surgiu em rituais sagrados para reverenciar as Deusas cultuadas por diferentes civilizações desde o período Pré-Histórico, embora tenha sofrido modificações em seu caráter histórico-cultural, influenciado por padrões religiosos patriarcais, o estudo contribuiu para verificar que Dança do Ventre traz em seu caráter o arquétipo da Deusa, estando intimamente ligada ao Sagrado Feminino, pois, ao realizar seus movimentos a mulher transcende o seu inconsciente e se conecta ao Sagrado Feminino que é ela mesma, dando à sua praticante a conscientização da sua feminilidade. Concluiu-se que durante séculos e até milênios a mulher foi reprimida perdendo sua identidade como ser pensante e atuante em uma sociedade governada pela ditadura machista, levando-a ao exílio físico-intelectual. Em busca de delas mesmas, mulheres se redescobrem ao dançar a dança que foi feita por mulheres para mulheres em um período em que a mulher era respeitada pelo simples fato de ser mulher, libertando-a de seus próprios preconceitos.

Palavras Chave: Dança do Ventre, Deusa, Sagrado Feminino.

SUMÁRIO

I – INTRODUÇÃO.....	6
II – REVISÃO DE LITERATURA.....	8
1.O Ritual da Vida.....	8
2.Nasce a Deusa.....	11
3.Dança para a Deusa.....	15
4.O Exílio da Deusa.....	18
5.O Reencontro com a Deusa.....	22
III – CONCLUSÃO.....	25
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	26
ANEXOS.....	28

I - INTRODUÇÃO

Escrever sobre dança é como reviver a minha própria história, pois a dança sempre esteve atrelada a minha vida. É como se ela estivesse me escolhido não me dando opção de escolha, todas as vezes que tentei abandoná-la, em algum momento oportuno lá estava eu me encontrando com a dança novamente, até o momento em que cansei de fugir da história que meu destino havia traçado para mim e decidi viver a dança na amplitude da palavra e sentido que ela dá à minha vida.

Mas existia um estilo que me chamava à atenção, mexia muito comigo, a Dança do Ventre. Ao escutar a música eu era remetida para outro lugar, um lugar exótico, ver os movimentos do corpo daquelas mulheres acompanhando a marcação e melodia da música me fascinava, era algo mágico.

Queria muito aprender, meu corpo pedia, brincar com tecidos rodopiando pela casa fazia-me sentir viva e não sabia por quê, mas era algo que me completava. Muito curiosa comecei, então, a garimpar informações, comprei livros, revistas, CDs, fitas de VHS (era o que tínhamos na época) e a freqüentar aulas com renomadas bailarinas.

Sempre ouvia falar no despertar da Deusa interior por meio da Dança do Ventre, da deusa Ísis e dos outros vários deuses egípcios, pra mim tudo isso era significativo, porém vago, apenas entendia que os povos antigos eram politeístas e dançavam para reverenciar seus deuses.

Mas... Ísis quem era ela? Uma Deusa? Por que e para que os povos antigos reverenciavam uma Deusa antes de um Deus?

Essa dúvida me incomodava. Criada em uma cultura onde um Deus era o alfa e o ômega, cujo homem foi criado a sua imagem e semelhança, perguntava-me, quem seria essa Deusa?

Mesmo sem a resposta percebia que ao dançar algo em mim era transformador.

Comecei a ministrar aulas e percebi que o mesmo acontecia com minhas alunas. Mulheres que ali estavam procurando algo perdido dentro delas mesmas, sem saber. Muitas vezes fui testemunha da mudança no comportamento delas, ouvi

muitos relatos e recebi muitos agradecimentos por ter mudado a visão que elas tinham delas mesmas.

Tudo isso era muito gratificante, mas a dúvida não calava, pulsava dentro de mim a necessidade de saber.

Uma aluna me deu de presente o DVD do filme “O Código da Vinci”, sucesso de bilheteria, porém a concorrência em casa pela TV fez com que eu guardasse o presente e o esquecesse dentro do armário. Algum tempo depois uma emissora de televisão passou o tal filme, sentei-me à frente da TV e assisti, sem pretensão alguma.

Foi nesta noite que acordei para uma resposta adormecida dentro de mim. O filme acabou e eu me coloquei a revirar meu armário para encontrar o DVD, nesta mesma noite assisti emocionadamente mais três vezes ao mesmo filme.

A resposta era ela, a Deusa! O Sagrado Feminino adormecido que habita a alma de cada mulher, a parte oculta da divindade que a sociedade desconhece por conveniência, fazendo com que nós mulheres esqueçamos de nós mesmas, da arte de viver e dar a vida, perdendo a magia do Sagrado em nosso ser.

Este trabalho vem com a proposta de trazer uma melhor compreensão sobre a relação da Dança do Ventre e o Sagrado Feminino, não se atendo à história da Dança do Ventre, pois a intenção não foi relatar sua trajetória de ritual para entretenimento como vemos hoje, mas de sua significância na espiritualidade das civilizações, expondo de forma clara e analítica como a mulher ocidental se tornou vítima oculta das religiões judaico-cristã, perdendo o sentido da sua individualidade feminina. Na busca incessante do seu “Ser”, as mulheres reencontram na expressão do movimento regido pela Dança do Ventre o verdadeiro significado da sua existência.

“Meus pés descalços... livres de qualquer barreira, sinto o chão, o chão com o qual faço a conexão com a Mãe-Terra, terra que nutre, que alimenta, nela sinto vibrar a energia que percorre meu corpo, energia que transcende a matéria e floresce minha alma.”

Erika Valesca Mano

II - REVISÃO DE LITERATURA

1. O Ritual da Vida

Na gênese histórica, a dança surgiu junto com o próprio homem, nos mais longínquos primórdios, que para efeitos de estudos, foi denominado Idade da Pedra. (MARTINS, 2005 p 19).

Para o homem primitivo a vida tinha um próprio ritmo, tudo tinha um movimento dentro de um ciclo natural da vida, Fátima (2001, p 31) explica:

“No princípio era o ritmo, e o ritmo era o movimento. Os homens e mulheres mais antigos instintivamente descobriram o ritmo do universo: o sistema solar onde planetas e estrelas se moviam, as estações do ano, o dia e a noite, a lua e o sol. Os vegetais e os animais nasciam, cresciam e morriam. As marés subiam e desciam. O coração batia, o sono seguia-se à vigília... Tudo tendo uma duração, acontecendo em intervalos regulares, o tempo fluindo. Nossos ancestrais primitivos vivenciaram e testemunharam essa ordenação natural, descobrindo um ritmo interno e um ritmo externo, se movimentaram em concordância com ele, sendo esse o momento mais longínquo da dança.”

Poderíamos dizer que o momento zero da consciência da imagem do corpo teria ocorrido quando a forma mais primitiva do homem (*Pithecanthropus Erectus*), ao tornar-se bípede, tomou conhecimento dessa possibilidade. (NANNI, 2003, p 39)

Nanni (2003, p 57) ainda esclarece que:

“Durante toda a história da humanidade, o homem vem tentando harmonizar-se no seu tempo e espaço. É o homem situado e datado em seu contexto histórico através de possibilidades provenientes das diferentes informações recebidas do mundo exterior pelos órgãos dos sentidos.”

A necessidade de criar um sistema de comunicação para ajudar na transmissão de experiências fez o homem ser capaz de criar símbolos por meio das manifestações artísticas. (REZENDE; DIDIER, 2005)

Baseado em registros de figuras do Período Paleolítico encontrados em paredes e tetos das cavernas o homem primitivo já dançava de forma ritualística para tudo o que tinha um significado para ele. (VERDERI, 2009)

A dança era a forma de manifestação que o homem primitivo tinha para expressar suas emoções, pois o mesmo ainda não usava a forma verbal de

comunicação, a fala. Utilizando-se do gesto rudimentar na comunhão mística com a natureza em todos os acontecimentos de sua vida: nascimento, casamento, morte, caça, guerra, fertilidade, colheita. (BREGOLATO, 2007)

Afirmando a autora acima Aton (2000) coloca que a primeira tentativa do ser humano se comunicar foi por meio da expressão corporal que surgiu como uma forma de clamor da alma.

O ser humano na busca pela sobrevivência mantinha contato com a natureza de forma mística e curiosa, a dança era a forma que ele encontrava para se relacionar com o seu meio. A necessidade de dançar para o homem primitivo se fez ao perceber em si mesmo a presença da dança como forma de vida por meio das suas próprias manifestações biológicas, como: pulsação, respiração e contrações musculares. (ATON, 2000)

Na dança primitiva, imitavam-se os fenômenos da natureza e os animais, práticas mágicas, acreditava-se que assim poderiam controlar a natureza fazendo-a atuar em seu favor, captando seu espírito ou energia. (CENCI, 2001)

Bencardini (2002) afirma que, a dança é a linguagem que nos remete ao nosso íntimo mais primitivo, ela faz parte da evolução humana antes mesmo de nós desenvolvermos a intelectualidade.

De acordo com Scárdua (2007, apud XAVIER, 2007):

“Atualmente acredita-se que a dança foi à primeira forma artística de expressão e simbolização do ser humano, a principio ela possuía a finalidade de imitar os animais, a natureza e os elementos mágicos, ou seja, imitar tudo aquilo que rodeava nossos antepassados, foi ela a primeira maneira concreta de simbolizar com o corpo e também de um compreender e unificar-se ao sagrado, ao mundo e ao fluxo da vida.”

A dança faz parte do inconsciente, do instinto do ser humano é uma necessidade natural, pois a criança é capaz de seguir ritmos movimentando-se, antes mesmo de falar ou andar, a capacidade de dançar é inata ao homem, mesmo que limitada pela coordenação imatura, utiliza as possibilidades de movimentos com liberdade, apenas sentindo a cadência do ritmo. Por meio da movimentação da dança é possível transformar um estado emocional. A dança surgiu antes do canto e da música, ela acompanhou a evolução do ser humano e foi a forma primitiva de se expressar e manifestar emocionalmente. (MARTINS, 2005)

Mesmo após a conquista da linguagem, o ser humano percebeu que o corpo era capaz de expressar muitas coisas que a palavra é impotente para descrever, tais como: o medo, o sentimento religioso, o amor etc... (ATON, 2000, p 49)

A morte para os egípcios era “uma passagem para o outro lado”, por esse motivo não havia lugar para tristezas, as procissões dos funerais eram acompanhadas com danças onde os integrantes do cortejo batiam palmas e balançavam os braços, gestos que carregavam simbolismos das relações entre a vida e a morte. (PENNA, 1993)

A Bíblia Sagrada em várias passagens das escrituras cita a dança e a música como forma de louvor e festividade, uma das passagens muito clara é O Livro dos Salmos 150:

- “1 Louvai ao Senhor. Louvai a Deus no seu santuário; louvai-o no firmamento do seu poder.*
- 2 Louvai-o pelos seus atos poderosos; louvai-o conforme a excelência da sua grandeza.*
- 3 Louvai-o com o som de trombeta; louvai-o com o saltério e a harpa.*
- 4 Louvai-o com tamborim e com danças; louvai-o com instrumentos de cordas e com flauta.*
- 5 Louvai-o com címbalos sonoros, louvai-o com címbalos altissonantes.*
- 6 Tudo quanto tem fôlego louve ao Senhor. Louvai ao Senhor.”*

2. Nasce a Deusa

No Paleolítico, o ser humano possuía uma visão monista¹ das coisas, não separava seu corpo do resto do mundo, identificava-se como parte da natureza. (FATIMA, 2001)

Hauser (1995, p13, apud FÁTIMA, 2001) comenta que o ser humano no Paleolítico vê a realidade na forma de uma tessitura² simples, de uma seqüência contínua e coerente (...) a magia é sensualista, atende ao concreto, o pensamento centra-se na vida deste mundo.

O Neolítico marca uma nova fase na evolução da espécie humana assim como na sua espiritualidade, surge o animismo³, percebe-se então, o surgimento da religião e a dança deixa de ser simples reproduções dos movimentos para e pela natureza e passa a fazer parte de rituais. (FÁTIMA, 2001)

Para Hauser (1995, p12, apud FÁTIMA, 2001) nesse momento,

“o mundo é dividido em duas metades; o próprio homem aparece dividido em duas metades. Essa é a fase do animismo, do culto dos espíritos, de crença na sobrevivência da alma, e do concomitante culto dos mortos”.

E Hauser (1995, p13, apud FÁTIMA, 2001) continua:

“os costumes e ritos fúnebres revelam claramente que o homem neolítico já estava começando a conceber a alma como uma substância separada do corpo. O animismo é dualista, forma seu conhecimento e suas crenças num sistema de dois mundos. O animismo é espiritualista e tende para a abstração; a preocupação dominante é a vida no outro mundo.”

¹ Relativo ao monismo, concepção dinâmica da unidade das forças da natureza, reduzidas todas ao fenômeno do movimento; a unidade de todas as forças físicas; teoria que admite uma origem única para todos os seres. (FERNANDES; LUFT; GUIMARÃES, 1992)

² Disposição dada às notas musicais para se acomodarem a certa voz ou instrumento; organização; contextura. (FERNANDES; LUFT; GUIMARÃES, 1992)

³ Teoria segundo a qual a alma é o princípio ou a causa de todos os fenômenos vitais normais ou patológicos. (FERNANDES; LUFT; GUIMARÃES, 1992)

Ao descobrir o fogo o homem passou a se dedicar à vida social, fazendo reuniões em volta das fogueiras. A necessidade de entender a origem do mundo e de conhecer as forças da natureza, fez com que o homem primitivo criasse mitos, lendas e deuses. Descobertas arqueológicas mostram que esse homem já possuía consciência espiritual ao sepultar seus mortos. (REZENDE; DIDIER, 2005)

Penna (1993) aponta que no Neolítico 6.500 a.C. quando o homem deixou o nomadismo pela agricultura, aprendeu a produzir objetos de pedra polida, a domesticar animais, tinham a dança como uma de suas manifestações em rituais para propiciar espíritos bons, exorcizar os maus, indicando a faculdade de simbolizar.

Martins (2005) acrescenta que, no Período Neolítico quando o homem deixou de ser nômade, já acreditava na possibilidade de vida após a morte ao enterrar seus mortos e dançava em rituais para cultuar deuses e espíritos, aprendeu a plantar e a cultivar seu alimento, estabelecendo a atividade da agricultura, já não dependia mais exclusivamente da atividade predatória e se estabeleceram à beira de rios, como a civilização egípcia às margens do Rio Nilo.

Segundo Gardner (2006), os povos do Egito, da mesopotâmia e de outros lugares acreditavam que a criação da vida emanava de uma divindade masculina, associado ao sol ou ao céu, e de uma divindade feminina, associada à terra, ao mar e à fertilidade, dessa forma o sol dá sua força à terra e às águas de onde surge a vida.

Quanto a uma força suprema, Bencardini (2002, p 25) diz:

“Mas, era preciso um Deus, ou Deusa, que fosse superior a tudo isso. Uma energia suprema e criadora que tivesse criado a vida, tanto dos deuses, quanto dos seres humanos. Observando as mulheres, que davam a luz após um período de nove meses de gestação, as pessoas da época chegaram à conclusão que todo universo teria sido gerado pelo útero de uma grande mãe: a Mãe Divina.”

A primeira religião estabelecida pelo ser humano foi a adoração à Deusa. Arqueólogos descobriram evidências por meio de objetos pelos quais os seres humanos se expressavam antes mesmo de conhecer a fala, na intenção de passar o conhecimento para as gerações futuras, comprovam a existência de um culto primordial, no qual uma Divindade Criadora feminina era adorada, tais descobertas incluíam estátuas, amuletos, cerâmicas e pintura nas cavernas, onde estas

reproduziam figuras de mulheres grávidas com seios, quadris, coxas, nádegas e vulva exagerados. O culto à Deusa Mãe é anterior a 7000 a.C. quando o homem baseava-se na natureza e seus ciclos como forma de estabelecer contato com o Divino, época que o ser humano ainda não havia associado o ato sexual à concepção, gravidez e nascimento, considerando este ciclo como algo sagrado, o culto era centrado ao feminino, aos mistérios da fertilidade. Nessas culturas não havia conhecimento do papel do homem na reprodução, as mulheres concebiam os bebês por elas mesmas, sendo consideradas doadoras da vida, deixando claro que a maternidade era considerada sagrada. (PRIETO, 2001)

Penna (1993) revela que nos cinco continentes foram encontradas figuras robustas com largos quadris e generosos seios que representavam uma mulher incomum, a poderosa doadora de vida.

Bencardini (2002) acrescenta que esses objetos serviam como amuletos com a função de aumentar a fertilidade feminina, pois representavam a força feminina, estando diretamente ligada aos cultos matriarcais, onde a mulher era divinizada pelo poder de gerar uma nova vida.

Prieto (2001) ainda destaca que as celebrações sagradas eram presididas por mulheres, pois as sociedades antigas as consideravam Sacerdotisas, em templos erguidos somente para as Deusas como: Ishtar, Ísis, Brigit, Artêmis e Diana.

Quanto à variedade de deusas Gardner (2006, p 124) enfatiza:

“Desde tempos pré-históricos, a Deusa aparecia em muitas formas e era conhecida por muitos nomes (...). Mas por mais que fosse personificada, ela sempre se identificava com Ísis, que seria a “Mãe Universal, senhora de todos os elementos, filha primordial do tempo, soberana de todas as coisas e manifestação única de tudo.”

Ao considerar o princípio da energia criadora manifestada no ser humano Penna (1993) coloca Ísis como a representação da maior figuração do princípio feminino entre as deusas da Antiguidade, nasce dela a energia de transformação do ser humano.

Na antiguidade vigorava a religiosidade matriarcal, a natureza e seus ciclos eram reverenciados em cultos de fecundação. O fato de saber que a mulher sofria as influências da Lua, possuir ciclos como a natureza, ser geradora de novas vidas, estando constantemente renovada, fazia com que ela possuísse um papel importante. (ATON, 2002)

No início dos tempos a Grande Mãe reinava, era vista como criadora de todas as formas de vida existentes na Terra, que era respeitada como seu corpo e lar, amada por homens e mulheres não havia temor a ela. As mulheres eram vistas como sua própria imagem por darem vida a outro ser a partir de seus corpos, não somente mulheres, mas também homens e amamentarem ambos, por isso os homens a respeitavam como parte delas. Nas mulheres reside o mistério da Deusa, reafirmando a criatividade, nascimento e a interligação com a vida. Ela é tudo que vive e faz parte dela. (STEIN, 2001)

3. A Dança para a Deusa

Muitos são os significados designados à palavra *dança*, vinda do sânscrito *tanha*. São eles: alegria de viver, celebração e tensão (ATON, 2002, p 40)

O que podemos interpretá-la então como celebração da vida.

Na antiguidade, as civilizações do Oriente Médio utilizavam a dança para cultuar deuses e deusas que representavam as forças da natureza, acreditava-se que para cada fenômeno natural existia um deus ou uma deusa, sendo a dança uma condição para a comunicação direta com o mundo espiritual, o transe. (BENCARDINI, 2002)

Há seis mil anos, as mulheres evocavam a Mãe dançando em um ambiente harmônico, o movimento erótico que insinuava a fecundação acompanhava o ritmo dos tambores que misturado ao cheiro do incenso favorecia os estímulos fisiopsíquicos, levando-as ao transe, transpondo as barreiras do consciente. Ao dançar nos rituais de fertilidade as mulheres se ofertavam como filha de suas deusas. Algumas mulheres se destacavam pela sua sensualidade, natural identificação com a Deusa, pois a mesma era identificada por esculturas e figuras de femininas de corpos fartos. Não havia vergonha em mostrar o corpo no ato sagrado de reverenciar a Mãe. Em Chatal Hüyük, na Anatólia, foi encontrada uma cidade onde havia locais sagrados para os rituais à Deusa que incluíam danças e instrumentos sonoros, ligados às funções vitais, há sete milênios antes de Cristo. Neste local, considerado sagrado, a dança e outros rituais celebravam nascimento, morte, regeneração e relacionamento sexual. (PENNA, 1993)

Confirmando, Aton (2000) diz que no antigo Egito as sacerdotisas dançavam com movimentos de cabeça, pescoço, ombros, braços, antebraços, punhos, dedos, coxas, pernas, joelhos, pés e quadris em cerimônias fechadas, em culto à deusa Mãe.

Segundo Martins (2005), o culto que celebrava os Mistérios de Osíris, que foi ressuscitado por Ísis, que juntou seus membros e devolveu-lhe a vida após ser morto e esquartejado pelo seu irmão Set, era celebrado com danças executadas por

mulheres sacerdotisas na representação do ciclo de morte e renascimento, o grão que renasce na época das colheitas.

Penna (1993) afirma que, a associação entre estado de espírito e movimentos do corpo era familiar ao povo egípcio, pois há mais de seis mil anos as mulheres egípcias dançavam para sua deusa Ísis e sua filha Hathor, representada pela imagem da vaca com o disco solar entre os chifres, em algumas regiões teve sua imagem entrelaçada com a de Ísis. A dança na mitologia egípcia também foi associada a Bes, uma divindade masculina e estrangeira, cultuado por volta do ano 2000 a.C., como um anão disforme, protegia a mulher de qualquer coisa relacionada a sua vida íntima e na hora do parto, protegendo também o recém-nascido, afastando os maus espíritos, era representado dançando, batendo tambor e brandindo punhais. Hathor e Bes foram encontrados no interior das pirâmides, associados a um símbolo hieroglífico Hbii, cujo significado é dançar ou estar contente.

Na Antiguidade as mulheres que eram sacerdotisas e dançarinas praticavam a dança como expressão de ritual como forma de identificação com a Deusa, desta forma se aproximavam das origens do universo trazendo para essas mulheres força, esperança, ajudando-as às difíceis condições de vida daquela época. (PENNA, 1993)

Os cultos à Deusa foram se intensificando com a consolidação das civilizações do antigo Oriente Médio. Nos rituais as sacerdotisas dançavam expondo seus ventres fazendo movimentos de ondulação e vibração, manipulavam as energias para os seus propósitos religiosos. Acreditava-se que era ela, a Deusa, quem alimentava a terra tornando-a fértil e dessa forma podiam garantir a prosperidade de seus povos. (BENCARDINI, 2002)

No Egito as sacerdotisas dançavam as danças sagradas como forma de oração e reverência para adorar suas divindades, pois eram representantes terrenas de suas Deusas. (MARTINS, 2005)

Fertilidade e o milagre da vida, era tudo o que se desejava nas sociedades antigas (...) Toda mulher que dançasse em homenagem à deusa receberia suas graças tornando-se mais fértil e tendo seus partos facilitados. (BENCARDINI, 2002, p 46 e 47)

A Dança do Ventre recebeu características de vários povos, pois não se originou em apenas um local tudo dependia dos deuses e deusas consagrados em cada região, porém esses cultos eram destinados a Deusa/Mãe e à fertilidade. Era praticada com movimentos fortes de quadris, fazendo sentir a pulsação da terra e seus elementais. (LYZ, 1999)

Penna (1993, p 82) enfatiza:

“Os mitos mais antigos narram que o mundo foi criado pela relação íntima de deuses e deusas em uma dança sagrada. Dos tempos em que os mitos cosmogônicos⁴ narravam as danças ritualísticas que traziam vida à terra, restam alguns sinais, como aquele que hoje é chamado dança do ventre.”

⁴ Relativo à cosmogonia, sistema que tem por objeto explicar a formação do universo; teoria da fundação do mundo (FERNANDES; LUFT, GUIMARÃES, 1992)

4. O Exílio da Deusa

A Deusa é o princípio Divino Feminino, é vista como uma força de energia que se manifesta em cada ser, a própria natureza, criadora de todas as coisas, sendo adorada muito antes das religiões patriarcais, como o Judaísmo, Islamismo e o Cristianismo. As culturas primitivas eram matrifocais, isto é, as mulheres detinham todo o poder na sociedade, pois o conceito de paternidade não existia, a família descendia pela linhagem materna. A mudança para o patriarcado reformulou o sistema de parentesco para patrilinear, praticado até os dias de hoje. (PRIETO, 2001)

A mulher deixou de ser vista como auto-suficiente e passou de Deusa para propriedade do homem, sendo primeiro do seu pai e depois do marido. Com essa transformação o dote começou a ser praticado, ao entregar sua filha ao casamento recebia em troca algo de muito valor como: dinheiro, mercadoria e propriedades. (BENCARDINI, 2001)

O politeísmo dá espaço ao monoteísmo, com a passagem do período matriarcal para o período patriarcal começa aparecer com mais vigor, por meio da visão comercial e política, as divisões por classes sociais. (ATON, 2000)

Com o advento da escrita decorreu o aparecimento do Estado. Na Antiguidade os impérios eram centralizados e influenciados pela religião, o faraó era considerado um deus, cujo sistema de governo é denominado de teocracia estando presente na vida cotidiana da sociedade egípcia. (REZENDE; DIDIER, 2005)

Sobre o surgimento do monoteísmo Gardner (2006) nos relata que o faraó Aminadab não aceitava as divindades egípcias com sua grandiosa quantidade de ídolos, introduzindo a noção de Aton equivalente a Adon dos hebreus (título emprestado da língua fenícia que significa “Senhor”), um deus onipotente que não possuía imagem e mudou seu nome de Aminadab (equivalente no hebraico a Amenhotep: Amon está alegre) para Akhenaton (servo de Aton). Akhenaton fechou todos os templos dos deuses egípcios e construiu novos templos a Aton, provocando muitas intrigas com os sacerdotes da antiga religião por não deixar que os deuses tradicionais fossem cultuados junto a Aton. Akhenaton fugiu do Egito com alguns seguidores que ainda o consideravam o monarca, pois Akhenaton era o Mose, Meses ou Mosis que equivale a Moisés cujo significado é herdeiro ou nascido e de que o mesmo foi um faraó.

Percebe-se, então, que o autor acima citado deixa claro que foi Moisés, um homem, que introduziu a religião monoteísta com uma divindade do sexo masculino, o que seria o princípio do judaísmo.

Nos Dez Mandamentos em Êxodo 20:17 na Bíblia Sagrada fica claro que a mulher perdeu sua identidade de liberdade para a submissão, tornando-se propriedade do homem:

“Não cobiçarás a casa do teu próximo, não cobiçarás a mulher do teu próximo, nem o seu servo, nem a sua serva, nem o seu boi, nem o seu jumento, nem coisa alguma do teu próximo.”

No período matriarcal a sociedade vivia da associação da religião com a agricultura, para os povos antigos uma dependia da outra, nesta época a mulher era vista como uma dádiva da natureza, todo esse mistério que a rodeava a fez detentora de todo o poder sendo admirada e respeitada. Quando o ser humano afastou-se da natureza, transformando o politeísmo em monoteísmo, deixou de lado toda a admiração feminina. A igreja, a casa de Deus prepara o homem para a morte e este deve estar livre de todo o pecado para merecer o paraíso prometido, com essas mudanças ocorridas a sexualidade antes vista de forma natural, foi carregada de tabus, tornando-se incompatível com a religião instalada, a mulher então passa a ser vista como tentação e fonte de todo o pecado, perdendo seu poder, passando por restrições e repressões. (ATON, 2000)

Na Bíblia Sagrada em I Reis 11:1-13 fica clara a influência tentadora das esposas do rei Salomão na sua religiosidade, onde diz que Salomão amou muitas mulheres estranhas que queimavam incensos e sacrificavam para seus deuses e que elas perverteram seu coração ao fazer Salomão seguir os seus deuses, como a deusa Astarote e pela desobediência de Salomão o Senhor Deus ameaça a tirar o seu reino.

Porém, sobre essa afirmação que o Rei Salomão seguia outros deuses por influência de suas mulheres Gardner (2006) dá outra explicação: por ser uma época de espiritualidade incerta quem poderia afirmar que os seguidores dos hebreus estavam certos em sua escolha? Sendo Salomão um homem sábio, ele mesmo não deixou de acreditar nas forças da natureza. Independente de quem era ou quem a liderasse, Salomão não tinha motivos para negar o deus de seus súditos, sendo considerado o verdadeiro defensor da tolerância religiosa.

Na conhecida história de Salomé, passagem da Bíblia Sagrada em Marcos 6:25, identificada apenas como filha de Herodias, Salomé dançou para agradar seu padrasto a pedido de sua mãe, e ao decidir o seu presente ofertado pelo padrasto em agradecimento a sua dança a menina volta-se à sua mãe e pergunta o que deveria escolher e a mãe induz sua filha a pedir a cabeça de João Batista em uma bandeja.

Segundo Higgs (2002), a filha de Herodias foi inocente tanto em sua dança, como em seu pedido, ela era apenas uma menina entre dez e doze anos, essa evidência é mostrada quando a menina vai até sua mãe e pergunta o que deveria pedir, pois ao invés de responder por si mesma, a menina foi perguntar à sua mãe, o que denota falta de orientação, o que não faltaria a uma adolescente. No caso a perversidade não foi na dança da menina e sim no orgulho ferido de Herodias por ter sido desprezada por João Batista.

A relação pai/filho e Deus/Jesus é a chave do Cristianismo, embora a figura da mãe tenha conseguido persistir, aparecendo no catolicismo na figura de Maria, que instigantemente é chamada de “A Mãe de Deus”. (PRIETO, 2001, p 28)

Com a sexualidade banida do sagrado, a igreja atribuiu o conceito de virgindade a Maria, mãe de Jesus Cristo, estabelecido em 692 d.C. no Concílio de Trulo. (Gardner, 2006)

Quanto à posição em que a mulher foi colocada pela igreja diante da sociedade Aton (2000, p 60) afirma:

“Surge um Deus só, à imagem do homem. (...) mostra-se que a mulher não existe como linguagem. Nem na Santíssima Trindade há um elemento que seja feminino: “Em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo”. A Virgem Maria, não tem nenhum espaço!”

Gadner (2006) coloca que os antigos egípcios cultuavam Ísis, irmã-esposa de Osíris, como uma protetora maternal, seu culto foi espalhado por diversas regiões e Osíris era o fundador da civilização e juiz das almas após a morte.

Pode-se ver no parágrafo acima a analogia feita com a Virgem Maria e Deus aos deuses pagãos egípcios.

A igreja sendo uma instituição regida por homens e usando como ícone feminino a mãe de Cristo, uma personalidade religiosa assexuada, desprestigiou a mulher na sociedade ao descaracterizá-la do sagrado e quanto mais a mulher se

envolvia com a dança, música e alegria de viver, mais era mal vista, perdendo suas virtudes. (PENNA, 1993)

Por meio da culpa e sofrimento a religião patriarcal recompensava seus seguidores com a salvação posterior ao céu, separando então a Terra do universo, porém poucos eram salvos, geralmente homens, as mulheres e alguns homens ao se recusarem a renúncia pela Deusa eram punidos impiedosamente. (STEIN, 2010)

As danças na Idade Média foram proibidas devido ao seu caráter pagão, sofrendo repressão da Igreja que possuía além do poder religioso, o poder político. A moral ditada pela Igreja a tornava senhora de todos e de suas consciências, sentenciando a castigos que levavam a morte, tendo o inferno como destino. Eram permitidas somente danças que representavam combate entre cristãos e não cristãos, considerados infiéis, onde a representação pela expressão corporal era sempre a vitória dos cristãos. (MARTINS, 2005)

No século XVI, no concílio de Mâcon, a Igreja debateu sobre a questão das mulheres possuírem alma, na contagem final dos votos, por somente um voto a mais, a decisão foi afirmativa e nesta mesma época Santo Agostinho disse que as mulheres já possuíam muitos poderes, impedindo que se fosse outorgado à elas outros, mostrando a desvalorização e desrespeito do valor feminino na vida humana. (JOHNSON, 1991)

5. O reencontro com a Deusa

A cultura patriarcal no ocidente sofreu um golpe tão doloroso que mesmo tentando restabelecer o lugar da mulher no mundo moderno ainda não foram resgatados os valores femininos. (JOHNSON, 1991)

A Igreja foi responsável pelo comportamento de dissociação da maternidade com a sexualidade, colocando esta última com sentimento de culpa, tornando essas mulheres adeptas da religião patriarcal, amargas e desconhecedoras do próprio corpo, não lhes permitindo o prazer. (PENNA, 1993)

Vivemos a negação da feminilidade, abrindo mão da sensualidade para dar espaço à inteligência, como se as duas não pudessem estar juntas em uma única pessoa, negando a nossa própria essência, a capacidade feminina da criatividade e intuição. (CENCI, 2001)

Embora tenhamos começado restabelecer o lugar da mulher no nosso mundo moderno, ainda não fizemos o suficiente para restaurar os valores femininos: o sentir, a paz, o contentamento e a perspectiva. (JOHNSON, 1991. p 21)

A feminilidade tornou-se sinônimo de futilidade e ignorância. Perdeu sua força. (ATON, 2000, p. 68)

Procurando satisfazer um impulso instintivo frustrado, as mulheres procuram canalizar a libido instintiva para os valores culturais, sendo a energia sexual desviada para a religião ou para dança. (HALL; NORDBY, 1973)

A dança permite um desenvolvimento da harmonia em nosso Ser, mudando nosso estado emocional, pois ao descobrir nosso corpo tomamos consciência da nossa vida instintiva e emocional que controla uma energia existente dentro de nós e assim adquirimos a paz interior. (WEIL; TOMPAKOW, 1986)

A dança é a expressão da vida, nunca tem um fim em si mesma, há sempre uma possibilidade de renovação, está intrínseca no ser humano é a forma de percepção do seu corpo em relação com a própria vida, desperta a necessidade adormecida em seu íntimo, comunicando-se por meio do movimento. (FUX, 1983).

A dança nos dá consciência para o autoconhecimento, proporcionando o desbloqueio do que há reprimido e esquecido dentro de cada ser, perdendo o sentido de dualidade composto entre corpo e mente, livrando-nos das amarguras, ansiedades, tensões e frustrações. (LYS, 1999)

Quanto à introspecção que a dança proporciona a quem a pratica Aton (2000, p 103) coloca:

“Dançar é uma interpretação do silêncio ou do som, é a palavra da alma, ou seja, voltar-se para si mesmo num processo sem interrupções. Os movimentos desenham no ar metáforas não verbais, poesias que só ficarão registradas na subjetividade de cada um, já que a dança existe no tempo e no espaço. Ela não é palpável como uma escultura.”

Para compreender o mistério da vida os homens precisam aprender a conhecer a mulher, a força criativa do ventre, fonte da vida. Mas como se entregar se elas mesmas se desconhecem? (PENNA, 1993)

Tanto hoje como no passado, os dons e a sabedoria abrem-se dentro da mulher. Ela transforma-se no que vê, e, através da dança, acolhe a dignidade do seu Ser (...) Assim, a dançarina entra em contato com a Deusa. (LYZ, 1999, p 25)

A Dança do Ventre faz com que o corpo da mulher se movimente de forma harmoniosa, resgatando a verdadeira essência do feminino, as energias contidas em seu Ser, devolvendo a expressão da vida e a luz contida no íntimo de cada mulher, esquecidas pelo mundo capitalista e tecnológico em que vivemos. (MARTINS, 2005)

Quando a mulher se entrega a Dança do Ventre é como se ela estivesse ligadas às mulheres da Antiguidade, dando-lhes continuidade histórica, a busca pelas origens em forma de ritual, pois a intenção com o que se faz é que a transforma em um ritual, gerando transformações internas em cada uma delas. (CENCI, 2001)

Sobre estas transformações Lys (1999) explica que dentro de cada mulher há uma grande ligação do físico com o espiritual e ao dançar essa energia poderá fluir no corpo de cada mulher.

Fazer dançar o ventre abre para as possibilidades de senti-lo como centro de consciência (...) A mulher passa por uma revitalização: a consciência do próprio valor cresce, desenvolvem-se o senso de dignidade e auto-estima. (PENNA, 1993, p143 e 144)

A Dança do Ventre coloca a mulher em contato com ela mesma, o despertar da consciência, a liberdade que se expressa e afasta toda a repressão imposta culturalmente, vivendo um conhecimento íntimo e único. É a arte de ser mulher, sentir-se feliz e realizada em si mesma. Quanto mais informações a mulher tem de

dela mesma, mais controle ela adquire e sente-se livre vivenciando sua real liberdade. (BENCARDINI, 2002)

Concordando, Penna (1993) acrescenta que na Dança do Ventre os movimentos expressam o íntimo da mulher, sua alegria de viver é manifestada, com isso ela aprende a lidar com as energias do corpo, reestudam seus ritmos de maneira consciente, despertando a criatividade que nasce da paz interior.

III – CONCLUSÃO

Concluiu-se ao término da pesquisa em questão que durante muito tempo, dos primórdios da existência humana até o surgimento da religião judaico-cristã, a mulher representava o Sagrado Feminino, parte feminina da dualidade divina, sendo a própria Deusa, que era cultuada por muitas civilizações, pois ela, a mulher, era vista à sua imagem pelo poder de gerar vidas, o mistério sagrado.

Nos rituais em reverência a Deusa, mulheres dançavam entre elas uma dança única e hipnotizante, onde os movimentos ondulatórios e marcados do corpo acompanhavam a música até o momento que entravam em transe e faziam conexão com o Sagrado Feminino. Essa dança provavelmente é o que hoje conhecemos como Dança do Ventre.

Com o surgimento da religião judaico-cristã a Deusa perdeu seu lugar para um único Deus, a dualidade foi extirpada, colocando o feminino ao exílio, deixando de lado toda a força criadora do Universo.

Por milênios a mulher passa a ser propriedade do homem vivendo em uma sociedade machista e preconceituosa, a mulher, então, perde sua identidade como ser pensante e atuante e se fecha em um mundo de responsabilidade pela culpa, culpa esta que anula o seu corpo como veículo de expressão de seus sentimentos e sensações.

Hoje na tentativa intuitiva de resgatar aquilo que lhe fora negado a sua natureza, muitas mulheres procuram algo que possa trazer a elas mesmas a sensação de liberdade e se deparam com a Dança do Ventre.

A Dança do Ventre está intimamente ligada ao Sagrado Feminino, levando a sua praticante as mais remotas origens, fazendo aflorar a sua feminilidade tão renegada, libertando-a de todos os estereótipos a ela conceituados, findando a cisão de corpo e mente, tendo a plenitude de sua essência feminina.

Faz-se então, neste momento o reencontro com o Sagrado Feminino, a Deusa vivente em cada mulher.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ATON, M. **Dança do Ventre dança do Coração**. São Paulo: Estudo, 2000. 249p.
- BENCARDINI, P. **Dança do Ventre: Ciência e Arte**. São Paulo: Textonovo, 2002. 178p.
- BÍBLIA SAGRADA. Brasília: Sociedade Bíblica do Brasil: 1969
- BREGOLATO, R. A. **Cultura Corporal da Dança**. 3 Ed. São Paulo: Ícone, 2007, 179p.
- CENCI, C. **A dança da Libertação**. São Paulo: Vitória Régia, 2001. 63p.
- FÁTIMA, C. V. **Dança: Linguagem Transcendente**. Goiânia: 2001. 97f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) – Departamento de Teologia e Filosofia, Universidade Católica de Goiás.
- FERNANDES, F; LUFT, C. P.; GUIMARÃES, F. M. **Dicionário Brasileiro Globo**. 25 ed. São Paulo: Globo, 1992.
- FUX, M. **Dança: experiência de vida**. São Paulo: Summus, 1983, 139p.
- GARDNER, L. **A linhagem do Santo Graal: a verdadeira história do casamento de Maria Madalena e Jesus Cristo**. São Paulo: Madras, 2006. 432p.
- HALL, C. S.; NORDBY, V. **Introdução à Psicologia Junguiana**. São Paulo: Cultrix, 1973, 122p.
- HIGGS, L. C. **Mais Meninas Más da Bíblia**. Belo Horizonte: Atos, 2002, 303p.
- JOHNSON. R. A. **Feminilidade Perdida e Reconquistada**. São Paulo: Mercuryo, 1991, 115p.
- LYZ, S. **Dança do Ventre: descobrindo sua deusa interior**. São Paulo: Berkana, 1999. 125p.
- MARTINS, L. F. A. **Ventre que encanta**. São Paulo: Ed, do Autor, 2005. 110p.
- NANNI, D. **Ensino da Dança**. Rio de Janeiro: Shape, 2003, 215p.
- PENNA, L. C. **Dance e Recrie o Mundo**. São Paulo: Summus, 1993. 168p.
- PRIETO, C. **Wicca, a religião da Deusa**. 3 ed. São Paulo: Gaia, 2001, 301p.
- REZENDE, A. P.; DIDIER, M. T. **Rumos da História: História Geral e do Brasil**. São Paulo: Atual, 2005. 640p.

STEIN, D. **I Ching para mulheres: uma visão moderna do oráculo tradicional**. Rio de Janeiro: Nova Era, 2001. 320p.

VERDERI, E. **Dança na escola: uma abordagem pedagógica**. São Paulo: Phorte, 2009. 120p.

XAVIER, F. S. **Dança do Ventre: Corpo, Mente e Alma em Movimento**. Disponível em <www.symbolon.com.br/artigos/danca_do_ventre.doc> acesso em 06 maio 2010.

WEIL, P.; TOMPAKOW, R. **O Corpo Fala: a linguagem silenciosa da comunicação não-verbal**. Petrópolis: Vozes, 1986.

ANEXOS

Aqui estão depoimentos de algumas alunas relatando o seu reencontro com elas mesmas, a Deusa existente no inconsciente de cada uma delas.

“Após uma adolescência de sucesso, magra, modelo e popular, uma insatisfação com o meu “eu” me levou a uma depressão em que engordei 30 quilos. Foi um pulo para desencadear outros vários fatores de infelicidade e baixa estima. Busquei através de várias religiões a resposta para essa inquietação do meu ser e nada encontrei. A dança foi sempre o que me confortou, dancei por 10 anos e estava feliz, mas me sentia unitária (éramos todos iguais), só que o igual me tornava masculinizada. O street dance é uma dança forte, representada por homens, não podia ser diferente. Precisava de algo que me enobrecesse, me fizesse flutuar e mesmo fora dos padrões de estética me fizesse sentir como única, a mulher mais linda entre todas as outras e foi assim que fui parar na Dança do Ventre. Na Dança do Ventre eu me sinto aceita, as minhas carnes fartas não são problema, pelo contrário, dão mais valor ao movimento. E eu que passei a me esconder, me pego em um momento na sala de aula expondo minha barriga e me sentindo linda. De repente, é só olhar pro lado e ver mulheres de todos os tipos e todas as idades exaltando suas belezas individuais. Dançar é uma arte que não permite repressão e essa é a verdadeira magia de quem dança a Dança do Ventre, é se ver e conseguir se enxergar, é aceitar o que Deus e a natureza lhe proporcionou e usar seus atributos a seu favor, exalando de seu âmago a Deusa que existe em todas nós.”

Fabiana Camilo Ricardo, 28 anos, jornalista.

“A Dança do Ventre foi como um sopro de vida em um momento em que vinha se instalando um quadro de depressão em mim. A dança me mostrou que estou viva, descobri partes do meu corpo que já não prestava mais atenção. Hoje me sinto melhor comigo e com as outras pessoas, além de me sentir mais mulher e bonita.”

Patrícia Lins do Nascimento, 33anos, do lar, 3 filhos.

“Sou apaixonada por dança. A dança faz com que no momento em que se está dançando tudo fique leve, colorido e divertido, esquecemos dos problemas do dia a dia, do estresse dessa vida sempre corrida. Não sou dançarina profissional e nem chego perto de ser, danço simplesmente porque gosto, para me divertir. Sou estudante do curso de Educação Física e em 2009 tive a oportunidade de estagiar com uma professora de Dança do Ventre, eu não conhecia muito sobre a dança, mas já tinha visto algumas apresentações e já tinha ouvido falar que Dança do Ventre é a dança da fertilidade. Durante as aulas ajudava com coisas básicas como fazer chamada, aplicar alongamento, quando a professora começava a aula eu aproveitava para participar e aprender alguma coisa. Percebi que a Dança do Ventre me fez olhar para mim mesma de uma forma que nunca tinha olhado. A Dança do Ventre me possibilitou conhecer meu corpo profundamente, ensinou-me a controlar melhor meus movimentos, senti minha mente ser libertada, a minha auto-estima, a confiança, a coragem, a ousadia, todos esses sentimentos mudaram dentro de mim, passaram por transformações positivas, mas o melhor benefício que tive com a Dança do Ventre não foram esses, foi a questão da fertilidade, eu queria muito engravidar, mas por alguma razão que desconheço isso não acontecia, estava há três anos tentando engravidar, fiz vários exames, passei por três médicos diferentes e nenhum deles conseguiu achar o motivo, meu marido também fez exames e nada, até que em março de 2009 comecei meu estágio com a professora de Dança do Ventre, joguei-me na dança me diverti e em abril de 2009 engravidei, não conseguia acreditar, pois já não esperava mais por isso. E nasceu a Beatriz, minha linda princesa! Eu acredito que a Dança do Ventre ajudou na minha fertilidade.”

Renira Donizete Soares da Silva, estudante, 34 anos, 2 filhos.

“A Dança do Ventre trouxe grandes mudanças em minha vida, como melhorar minha auto-estima, hoje me sinto mais confiante, bonita e feminina. Ao dançar sinto uma grande satisfação em meu corpo aflorando de dentro pra fora.”

Eliane Mendes Dias, 27anos, do lar, 1 filha.

“Sou uma pessoa muito ativa, sempre pratiquei alguma atividade física, já fiz Jazz, Aeróbica, Hidroginástica, Natação, Body Pump, Body Balance, Musculação, Caminhada, GAP, e atualmente Tai chi chuan e de volta a Dança do Ventre. Dentro de tudo que fiz sem dúvida a Dança do Ventre é o mais estimulante, agradável e feminino de todos, pois mexe não só com o meu corpo, mas com minha cabeça, com a minha libido e principalmente me dá muita disposição para viver. Não pretendo de maneira alguma ser uma dançarina, mas sei que com muita força de vontade e superação, pois já não sou mocinha e meu corpo muitas vezes teima em não me obedecer, quero sim conhecer meu corpo, saber de sua capacidade e principalmente de usar toda a sensualidade, graça e beleza que essa dança nos trás. A dança do ventre me remete a uma lembrança, não sei bem de onde vem, podemos talvez dizer genética, sei lá, é uma vontade de dançar de impulso quando ouço a música, como se eu conhecesse a dança, mas o meu corpo ainda não. Sinto que se eu não aprendesse, nem que fosse um pouquinho nessa vida a dançar, ela teria passado incompleta, é realmente uma satisfação interior, mesmo sabendo que posso passar anos aprendendo, e tentando e que nunca ninguém irá apreciar o resultado, isto é, nem venha a dançar pra ninguém, eu já cumpri o desejo de minha alma. A dança é linda, poderosa, sensual, envolvente, e com as aulas, passo a ter contato com outras pessoas que podem de alguma maneira ter o mesmo objetivo que eu e encher minha vida de amizade e de coisas boas.”

Alice Augusto, esteticista, 50 anos, 3 filhas e 1 neto.

“A Dança do Ventre me libertou de muitas coisas que estavam dentro de mim, meus traumas, meus medos, minha vergonha, librei-me de tudo. A dança me fez sentir outra mulher, passei a conhecer melhor meu corpo e a cada dia me conheço melhor, sempre uma novidade, isso me realiza. Como uma borboleta abro minhas asas e me encanto com meu vôo, todos que me observam, hipnotizam-se com o batimento de minhas asas sinuosas e brilhantes. Sou a bailarina em sua alma, esposa, namorada, amante, simplesmente mulher.”

Walkíria Inocência da Silva, 29 anos, comerciante.

“Há dois meses comecei a fazer aulas de Dança do Ventre, neste pouco tempo já consegui perceber que minha vida não é só ser dona de casa, boa esposa e boa mãe e sim ser mulher acima de tudo. Passei a conhecer primeiro o meu íntimo e depois o físico e que todas somos possuidoras de uma beleza escondida por meio do machismo. Descobri em mim uma mulher linda, cheia de vida e de sonhos e que posso ir mais longe do eu mesma imaginava, a vontade de ir buscar o que eu desejo sem medos, sem barreiras, que o céu é o limite.”

Silvânia Santos, 32 anos, autônoma, 2 filhos.

“Sempre gostei de dançar e tinha muita vontade de aprender a Dança do Ventre. Antes de iniciar meu sentido de direção, minha postura corporal e meu equilíbrio físico-emocional eram desajustados, após o início tudo começou a se encaixar. Hoje me sinto livre, leve e solta. Aprendi muitas coisas, o respeito com meu corpo e novos conceitos sobre esta dança que fascina pela sua sensualidade.”

Carla Vanessa O. Stipanich, 32 anos, auxiliar técnica em logística, 1 filho.

“Desde criança sempre fui louca por dança, porém, não tive oportunidades muito menos condições de freqüentar aulas de dança. Quando me descobri como adulta e mulher (pouco antes de 2004), encontrei-me no auge de uma depressão, foi quando a dança me resgatou do fundo do poço e meus horizontes se abriram novamente. Comecei com a Dança de Salão passei para o Jazz e hoje por que Deus guia minha vida conheci a Prof^a Erika e tive a oportunidade de ser sua estagiária, onde conheci a Dança do Ventre e comecei a praticá-la. A Dança do Ventre é mais uma agradável e prazerosa experiência de dança na minha vida. Com ela aprendi diversas possibilidades de movimentos, e a dimensão de imagens e posturas corporais que esta arte me proporcionou colaborou muito para o resgate da minha auto-estima, da minha feminilidade, tornou-se uma massagem diária ao meu ego. Por ser uma dança tipicamente feminina acredito que cada mulher que conhece essa arte descobre a sua subjetividade sem nem se dar conta.”

Andréia Correa de Oliveira, 33 anos, estudante.

“Falar sobre arte é extremamente difícil, porém senti-la faz parte da natureza humana. Uma linda música, um retrato que nos agrada, um ritmo que nos faz movimentar. Tudo faz parte da arte, tudo faz parte do “Ser”. A dança sempre esteve presente na minha vida como na de qualquer um. Na infância sonhei com Balão Mágico, pulei com Plunct Plact Zumm, tornei-me índia com a Xuxa, viajei pelo arco-íris até me sentir uma paqueta. E toda esta transformação acontecia pelo intermédio da arte, da música moldada por coreografias tão exatas que até nos dias de hoje muitas pessoas que se entregam às lembranças são capazes de vivenciar novamente. É isto o que a dança fez e faz por mim, transporta-me e me transcende. Quando estou dançando meu corpo comanda... minha mente se entrega...e o prazer acontece. Sou adepta do "Candomblé", uma religião aonde a dança é primordial para que o nosso corpo eleve e o rito aconteça, então por vários motivos eu teria linhas e linhas para falar de dança, mas só existe um para amar a dança, “ela me completa”. Há dois anos me dei a oportunidade de parar minha vida por horas semanais para dar uma atenção a esta arte, optei pela Dança do Ventre, por pensar que esta dança teria uma função de relaxamento apenas, descobri mais uma vez o quanto a arte é transformadora. A Dança do Ventre é direcionada ao próprio corpo, ao conhecimento de cada movimento que por mais sutil, mexe e desperta a sensualidade introvertida em nós. O resultado não só em mim, mas entre parceiras de aula, vimos o despertar de várias mulheres, abandonando receios, vergonhas. A paixão é o que faz a alquimia de um simples movimento se tornar um ato de auto descoberta. A Dança do Ventre em minha vida é isto, um eterno encontro comigo mesma é a linguagem que meu corpo grita: EU SOU FELIZ!”

Janaína Silva dos Santos, 33 anos, autônoma, 3 filhas.

“A Dança do Ventre trouxe em minha vida uma grande transformação, como se eu fosse uma borboleta, antes em um casulo fechado, triste e escuro; hoje linda, colorida e alegre, proporcionando-me a descoberta da feminilidade escondida dentro de mim, fazendo-me uma mulher mais segura. Pratico-a há quatro anos, conheci ótimas pessoas e foram os anos mais divertidos da minha vida.”

Maria Flávia da Silva, 34 anos, artesã, 1 filha.

“A Dança do Ventre fez com que eu criasse uma maior intimidade com meu corpo e com meus movimentos, faço com prazer e faz muito bem para meu ego, me sinto muito mais feminina e sensual, estou no terceiro ano, no começo era muito tímida, achava até mesmo que não iria continuar, sofri comentários preconceituosos de outras mulheres que desconhecem o quanto ela é complexa e prazerosa, hoje me sinto à vontade de em poder dançar com muito mais sensualidade para agradar até mesmo meu companheiro, sinto vontade de fazê-lo me admirar como uma mulher sensual e não como uma simples esposa, dona de casa, a mãe de sua filha, quero ser admirada como mulher, e que posso me transformar em muito mais.”

Maria José Felix, 40 anos, do lar, 3 filhos.

“Tenho um grande problema em minha casa, meu filho é dependente químico, além disso, sinto muitas dores articulares, pois tenho artrite reumatóide, isso me trouxe uma tristeza muito grande levando-me a depressão. Foi então que resolvi entrar na Dança do Ventre. Quando não tinha aula percebia a depressão querendo me dominar, então colocava as músicas e começava a dançar, me dediquei, bordei minha roupa. O tempo foi passando e percebi que a dança era uma espécie de cura pra mim.”

Célia Regina Correia, 47 anos, do lar, 4 filhos.

“Quando eu entrei nas aulas de Dança do Ventre, era uma pessoa totalmente fechada, depois de um ano dançando aprendi a ser mais alegre e extrovertida, fiz novas amizades e percebi que a diferença acontecia em minha vida e tenho certeza que minhas amigas da dança também sentiram a diferença.”

Andréia Lopes de Lima, 19 anos, estudante.

“A dança era algo que parecia muito distante de acontecer em minha vida. Era um sonho de criança que não aconteceu e pela idade já não esperava mais que acontecesse. Conhecia a Dança do Ventre pela televisão. Até que resolvi experimentar, superar meus próprios preconceitos. Hoje a dança me completa, me realiza, não consigo ficar sem. A dança também me deixou mais calma, ela é minha terapia necessária.”

Luciana Izabel Borges Yugulis, 34 anos, cabeleireira, 2 filhos.

“Tenho algumas palavras escritas em minha agenda no começo do ano, hoje lendo, sinto e vejo o quanto eu estava mal, entrei, sem saber, em depressão, não via mais graça em nada, sem motivos para sair de casa, me arrumar, sem conseguir tomar qualquer decisão a mais simples que fosse como levar meus filhos à escola. Há dois meses, sabendo do meu estado, uma amiga me levou para fazer aulas de Dança do Ventre. Apaixonei-me, nunca havia dançado antes, as aulas estão me ajudando a seguir em frente a ver as coisas mais coloridas, mais engraçadas e que podemos ainda ser felizes. Essa transformação já é percebida pelas pessoas, pois me perguntam o que eu estou fazendo e eu respondo que é a Dança do Ventre que me fez perceber o quanto posso ser especial para alguém ou para mim mesma.”

Iara Brito dos Santos, 40 anos, técnica em enfermagem, 4 filhos.

“Sou portadora de polineuropatia, uma doença auto-imune e degenerativa, uma doença sem cura que destruiu os nervos dos meus pés até a cintura. Comecei a praticar Dança do Ventre para ter uma atividade física, no princípio fazia as aulas grudada na barra com medo de cair. Com o tempo a dança me devolveu força muscular e equilíbrio o que me deixava muito insegura e me trouxe felicidade e liberdade, pois me devolveu parte do que tinha perdido com a doença. Quando danço esqueço da doença, sou outra mulher.”

Carla Cristina Roisin, 41 anos, aposentada, 2 filhos.

“Sou praticante da Dança do Ventre há uns três anos, na época que iniciei era casada, meu casamento melhorou muito, passei a me sentir mais sensual para o meu marido. Há nove meses, depois de 17 anos de união, perdi meu marido em um acidente, isso me levou a depressão. Quando o choque passou comecei a refletir o quanto ele gostava de me ver dançando e retornei às aulas. Mesmo ainda sentindo sua falta, hoje me sinto melhor, recuperei minha auto-estima e consegui dar um novo sentido à minha vida.”

Adriana José Corrêa da Silva, 35 anos, funcionária pública, 3 filhos.

“Sinto-me muito feliz quando danço a Dança do Ventre, parece que quando a música toca ela entra em minha mente e eu danço de tal forma que esqueço de todos meus problemas, parece que eu estou só, nada mais importa para mim naquele momento senão vivê-lo em sua intensidade que me faz sentir uma mulher realizada comigo mesma.”

Leda Maria da Silva Costa, 32 anos, cozinheira, 4 filhos.

A Dança do Ventre surgiu na minha vida como algo curioso, um sentimento além do que se possa explicar. A dança ao se exhibir a mim fez com que muitos sentimentos e pensamentos voassem para algum lugar dentro do meu íntimo, algo pessoal. Saias coloridas, véus a dançarem com todo seu charme e elegância, movimentos fortes, suaves, uma mistura de pretensões de sentimentos a serem expressos de uma maneira inexplicável. O corpo lendo a cada batida que a música representa a dor, a perda, o amor, a paixão, a loucura, tudo isso a música e a dança conseguem expressar de uma forma sutil e clara. A dança e seus diversos arranjos, simplesmente fazem parte do que sou, libertando em mim: vontade, necessidade, um desejo imenso de libertação daquilo que não se sabe, mas que existe lá dentro, a expressão de desejos diversos que a dança me causa, e entre todos estes sentimentos misturados surge também um sentimento de curiosidade, a curiosidade em saber como isso aconteceu, por que desse sentimento tão afluído, ela se mostra assim como algo antigo, como algo que já me era adquirido, algo que me faz transcender, algo perdido que tento resgatar dentro do que sou ou do que trago comigo. Sei que faço parte de um grupo de ciganos vindo da Moldávia (República da Europa Central) tendo, então, o cigano Moldávio a pele mais clara e olhos azuis, este grupo originou-se em terras da Rússia, tendo de enfrentar os rigores do inverno russo em suas precárias carroças, sob roupas pesadas e capotes escuros mal podendo se reconhecer sua origem cigana. Minha querida avó Maria Novacov nascida em uma cidade da Moldávia, veio para o Brasil devido à guerra, hoje falecida, deixou muitas saudades, mas deixou também algo inexplicável que tento resgatar dentro dessa paixão que sinto pela Dança do Ventre.

Flávia Cristina Novacov, 31 anos, micro-empresária, 1 filha.

